

PARA UMA LEITURA GENDERIZADA DA LENDA DE TRISTÃO E ISOLDA EM TRÊS TEMPOS: GOTTFRIED VON STRAßBURG, RICHARD WAGNER E KEVIN REYNOLDS.

IURI KARNOPP BUBOLZ¹; DANIELE GALLINDO GONÇALVES SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – iuribubolz@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – danigallindo@yahoo.de

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho, que faz parte do projeto “Releituras do medievo: A recepção da Idade Média (*Mittelalterrezeption*) do século XIX ao XXI”, tem por objetivo compreender como se dá a questão do Gênero em três diferentes releituras da lenda de Tristão e Isolda.

A obra em questão é *Tristan und Isolde* (aprox. 1210), de Gottfried von Straßburg. A partir desta obra há ainda o drama musical de Richard Wagner, *Tristan und Isolde* (1857-59) e o filme americano de Kevin Reynolds, *Tristan & Isolde* (2006). A narrativa medieval serve de sustentação para a comparação das outras duas mídias, a fim de analisarmos as relações de Gênero.

O conceito utilizado para explicar porque as duas obras posteriores à de Gottfried von Straßburg podem ser comparadas é o de intermedialidade, que esta presente em CLÜVER (2006), e que consiste na releitura de uma mídia sobre outra, neste caso o drama musical, versão de Richard Wagner e a narrativa fílmica de Kevin Reynolds.

As três mídias possuem em sua base a saída de Tristão das terras do tio e Rei Marc – Cornualha – para buscar uma esposa à este último. A esposa é Isolda, a loura, filha de um rei irlandês. A relação estabelecida entre as três personagens no decorrer das três narrativas será o foco de nossa análise de gênero, justamente por se tratar de diferentes hierarquias, pois há Tristão que é vassalo de seu tio, o Rei Marc e conseqüentemente quando o rei casar com Isolda, Tristão terá de servi-la.

O elemento principal que desencadeará um triângulo amoroso entre as personagens é o filtro do amor, presente no texto original e na obra de Richard Wagner, mas que no filme hollywoodiano não aparece. O filtro, que não está presente na narrativa fílmica, quebra toda uma ideia construída nas outras mídias, que é fundamental para a discussão de Gênero. A relação entre rainha e vassalo é representada em todas as três mídias, contudo, a ópera de Richard Wagner aproxima-se mais da encenação contida no texto medieval: o poder do filtro só será quebrado quando passados os anos, tornando-se uma paixão. Já na releitura deste conceito no século XX, no filme de Kevin Reynolds o que move o amor de Tristão e Isolda é a carne/paixão.

O amor de Tristão e Isolda observado no filme é *a priori* carnal, pois já no começo, quando Isolda acha o cavaleiro na praia da Irlanda, ela para aquecê-lo tira a roupa e pede a Brangien que fique nua para que a troca de calor seja maior. Brangien reluta, mas no fim sede e após acontecer o primeiro beijo entre Tristão e Isolda, em todas as cenas seguintes há relações sexuais entre os dois. Diferentemente, a obra de Wagner não tem o intercurso sexual como pilar de sustentação. Estes fatos podem ser explicados pelo que colocam Macedo e Mongelli:

“diferentemente das “reminiscências”, que de alguma forma preservam algo da realidade histórica da Europa medieval, defrontamo-nos com uma das manifestações mais tangíveis da “medievalidade”, em que a Idade Média aparece apenas como uma referência, e por vezes uma referência fugidia, estereotipada. [...], mas a Idade Média poderá vir a ser uma realidade muito mais imprecisa na inspiração de temas (magos, feiticeiros, dragões, monstros, guerreiros, assaltos a fortalezas) produzidos pelos meios de comunicação de massa e pela indústria cultural.” (2009, p. 16-17)

A Idade Média acaba sendo adaptada para o momento, por isso o abuso em cenas nuas e que diferem das outras duas narrativas. Desta forma:

“é no âmbito da “medievalidade”, e não no da historicidade medieval, que no cinema alusivo ao Medievo deve ser pensado. Isto porque, mesmo sendo diversificado e comportando gêneros e estilos distintos de criação, o cinema-divertimento participa da indústria cultural, situando-se entre os bens simbólicos produzidos e consumidos na sociedade de massa – embora ninguém duvide que a obra cinematográfica pertença ao âmbito da arte e produza inúmeras obras-primas. Dependendo do contexto, do propósito do diretor e do produtor, e das circunstâncias de sua elaboração, os filmes poderão pretender realizar uma reconstituição histórica da vida de certos personagens, de fatos ou problemas marcantes do passado. Mas para melhor que a Idade Média comparece nos filmes, será preciso identificar primeiro as técnicas de construção da narrativa cinematográfica e considerar que o propósito do filme não é instruir ou estimular uma reflexão sobre o passado, mas divertir e despertar emoções.” (MACEDO e MONGELLI, 2009. pp. 18-19)

Esta assertiva de que o cinema acaba distorcendo o Medievo ajuda na compreensão das relações de Gênero, pois na obra de Gottfried von Straßburg e na releitura de Richard Wagner o filtro é o responsável pelo amor entre Tristão e Isolde, já na narrativa fílmica isso não acontece. O filtro é o elemento que quebra a impossibilidade da relação amorosa entre hierarquias distintas.

2. METODOLOGIA

O desenvolvimento do trabalho se deu da seguinte forma, primeiramente a leitura de um dos textos baseados na obra original de Gottfried von Straßburg. Em seguida a observação do filme *Tristan & Isolde* de Kevin Reynolds. Tendo o conhecimento de como a história se passa, o momento seguinte foi analisar as questões de Gênero e procurar aprofundar a ideia de como essa narrativa fílmica em particular relê a Idade Média. Mantendo as concepções, buscou-se aprofundar no texto primário e buscar uma terceira mídia que tratasse do mesmo tema. Desta forma, concluímos que o drama musical de Richard Wagner, é o texto que possibilita a intermediação entre a obra medieval e a releitura fílmica.

A partir das anotações feitas com as mídias pesquisadas, o que se buscou foi entender como as relações de Gênero são tratadas nestas três mídias. Ficou bem claro que há uma distinção muito grande, principalmente pelo hiato de tempo entre as obras.

Ainda pensando na Idade Média, coube leituras a fim de compreender como funcionava a sociedade medieval, principalmente as pesquisas de Duby (2011 e 2013) e Le Goff e Truong (2012). Já para o conceito de gênero lançamos mão da teorização desenvolvida por Scott (1989).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a pesquisa, a relação de Gênero representadas em Gottfried von Straßburg e em Richard Wagner, revela que há, em partes, uma aparente igualdade na representação do masculino e do feminino. Tanto um rei pode ordenar uma mulher, quanto uma mulher – rainha – pode ordenar um homem.

Segundo Scott, “o gênero foi utilizado literalmente ou antologicamente pela teoria política, para justificar ou criticar o reinado de monarcas ou para expressar relações entres governantes e governados” (SCOTT, 1989. p. 24). Dentro da hierarquia medieval nos séculos XII e XIII, a relação entre uma rainha e um servo seria impossível. Isolda jamais poderia ter relações com Tristão, que é seu vassalo. No entanto esta relação é “permitida” graças ao filtro do amor, o qual não está presente no filme de Kevin Reynolds. Ao retirar o filtro do amor, a narrativa fílmica joga com a ilegitimidade desta relação entre diferentes classes, ao mesmo tempo que dá artifícios para que se compreenda que houve um emparelhamento entre as diferentes classes, dando ao feminino a mesma autonomia vista no masculino, pois é uma decisão pessoal tanto de Tristão, quanto de Isolda.

As duas mídias anteriores à narrativa fílmica só possibilitam a relação entre os dois, por causa do filtro do amor, o qual permite a Tristão e Isolda que levem adiante a relação amorosa. Se não houvesse o filtro do amor, a relação entre o casal não seria possível, pois jamais se amariam, e de acordo com Gottfried, o líquido servido “Era o sofrimento eterno/ o tormento do coração, que é eterno/ e por fim mataria a ambos”¹ (STRAßBURG, v. 11674-11676).

4. CONCLUSÕES

As representações da relação amorosa presente nas mídias são baseadas em questões de Gênero: em Gottfried e em Wagner, a união entre o par só é possibilitada e, de certa forma, compreendida, pois há a inserção do filtro de amor, que prende um ao outro. Embora, haja a quebra da hierarquia, esta parece ser amenizada pela presença de um elemento mágico. Se há uma consequência para os atos de ambos, esta é individual, ou seja, há a morte dos amantes. Ao retirar o filtro, a narrativa fílmica joga a decisão da quebra da hierarquia para a culpa individual assumida pelos amantes, que trará consequências catastróficas não só para estes, mas também para o reino.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENEVENO, C. T.; SANTANA, SANTANA, V. C.; BENEVENTO, C. T. O conceito de Gênero e suas representações sociais. **Revista Digital**, Buenos Aires, v.17, n.176. Acessado em: 25 mar. 2014. Online. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd176/o-conceito-de-genero-e-suas-representacoes-sociais.htm>
- CAPELÃO, A. **Tratado do amor cortês**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CLÜVER, C. Inter Textus / Inter Artes / Inter Media. **Aletria**, Belo Horizonte, v.14, n.1, p.11-41, 2006. Acessado em 23 abr. 2013. Online. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/poslit/08_publicacoes_txt/ale_14/ale14_cc.pdf

¹ “ez was diu wernde swaere,/ diu endelose herzenot,/ von der si beide lagen tot.”

- DUBY, G. **As damas do século XII**. Tradução de Paulo Neves e Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- DUBY, G. **Idade Média, Idade dos Homens: do amor e outros ensaios**. Tradução de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- GOTTFRIED VON STRAßBURG. **Tristan und Isolde**. Mittelhochdeutsch/Neuhochdeutsch por Wolfgang Spiewok. Greifswald: Reineke Verlag: 1998.
- LE GOFF, J.; TRUONG, N. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução de Marcos Flamínio Peres. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- MACEDO, J. R.; MONGELLI, L. M. (org.). **A Idade Média no Cinema**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- REYNOLDS, K. **Tristan & Isolde**. Estados Unidos, 2006. Vídeo AVI, 125 min. Legendado. Cor.
- SCOTT, Joan. **Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history**. New York, Columbia University Press. 1989.
- SILVA, A. C. L. F. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. **Cronos: Revista de História**, Pedro Leopoldo, n. 6, p. 194-223, 2002.
- WAGNER, R. **Tristan und Isolde**. Organizado por Egon Voss. Stuttgart: Reclam, 2011.